



de Santo António aos Peixes, by António Vieira

Project Gutenberg's Sermão de Santo António aos Peixes, by António Vieira This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: Sermão de Santo António aos Peixes

Author: António Vieira

Release Date: December 29, 2007 [EBook #24073]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK SERMAO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES ***

Produced by Rafael Sã

Sermão de Santo António (aos peixes)

TEXTO INTEGRAL

«Pregado na cidade de São Luís do Maranhão, ano de 1654. Este sermão (que todo é alegórico) pregou a autor

três dias antes de se embarcar ocultamente para a Reino, a procurar o remédio da salvação dos Índios, pelas causas que se apontam no I. Sermão do I. Tomo(2). E nele tocou todo os pontos de doutrina (posto que perseguida) que mais necessários eram ao bem espiritual e temporal daquela terra, como facilmente se pode entender das mesmas alegorias.»

Vos estis sal terræ(3) (S. Mateus, V)

I

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção(4), mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam(5) a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a(6) Cristo, servem a seus apetites(7). Não é tudo isto verdade? Ainda mal(8).

Suposto, pois, que, ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar; que se há-de fazer a este sal, e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga? Cristo o disse logo: Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibus(9). Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevera a dizer tal cousa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça(10) que o pregador que ensina e faz o que deve; assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra, que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer? Este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda(11) e gloriosa resolução que nenhum santo tomou. Pregava

(1) Maranhão é um estado do nordeste do Brasil, com cerca de cinco milhões de habitantes, cuja capital é São Luís. A referência ao Maranhão tem que a situação denunciada por António Vieira em várias ocasiões e documentos nomeadamente numa carta dirigida em 1653 ao rei de Portugal, D. João índios que moram em suas aldeias com títulos de livres são muito mais cativos do que os que moram nas casas particulares dos portugueses, só com u~rença, que cada três anos têm um novo senhor, que é o governador ou o capitão-mor que vem a estas partes, o qual se serve deles como de seus e os tra~alheios; em que vêm estar em muito pior situação do que os escravos, pois ordinariamente se ocupam em lavouras de tabaco, que é o mais cruel trab quantos há no Brasil. Mandam-nos servir a pessoas e em serviços a que não vão senão forçados, e morrem lá de puro sentimento...». (2) Refere-se ao Sermão da Sexagésima. (3) «Vós sois o sal da terra.» (Mateus, V); «Sal da terra - título dado por Jesus Cristo aos Apóstolos, que significa, no entender dos teólogos, o princíp servação espiritual» (in Grande Dicionário de Língua Portuguesa, coord. José Pedro Machado, Amigos do Livro Editores, 1981, vol. X, p. 543). (4) Recorde-se que o sal, para além de servir de tempero, é utilizado para conservar os alimentos (cfr. salgar - temperar com sal, conservar em sal; salga vaso, como selha ou masseira, onde se salgam e conservam as carnes salgadas em salmoira; salmoira ou salmoura - a conservação da carne, peixe ou frutos) (5) Trocadilho: observe-se o jogo verbal entre pregar (o Sermão) e pregar (apegar-se aos seus interesses). Ou seja, os pregadores apegam-se aos seus ses e não a Cristo. (6) Em

Vieira, à maneira clássica, é frequente o uso do complemento directo regido da preposição a. (7) apetites: desejos, inclinações. (8) ainda mal: ainda mal que é verdade; é pena que seja verdade. (9) «E, se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há-de salgar? Para nada mais serve senão para se lançar fora e ser calcado pelos homens.» (Mateus (10) sobre a cabeça: em lugar de destaque; ser considerado. (11) galharda: nobre, valente, generosa.

[60]

Santo António em Itália na cidade de Arimino(12), contra os hereges(13), que nela eram muitos; e como erros de entendimento são difíceis de arrancar(14), não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele, e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protesta; e uns pés, a que se não pegou nada da terra(15), não tinham que sacudir(16). Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência, ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos(17). Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes. Oh, maravilhas do Altíssimo!(18) Oh, poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

Se a Igreja quer que preguemos de Santo António sobre o Evangelho, dê-nos outro. Vos estis sal terræ. É muito bom o texto para os outros santos doutores; mas para Santo António vem-lhe muito curto(19). Os outros santos doutores da Igreja foram sal da terra, Santo António foi sal da terra e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que nas festas dos santos é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais que o são(20) da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo António em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para emenda e reforma(21) dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele(22), vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar e, já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o ser-mão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, Domina maris: «Senhora de mar»; e posto que o assunto se já tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. Ave-Maria.

(12) Arimino: actual cidade de Rimini, na Itália. No tempo de Santo António, aí se abrigavam muitos hereges. Um dia, quando Santo António subiu ao púlpito para pregar, quase todos se retiraram e fugiram. Persistente e inspirado, fez o seu sermão para aqueles que tinham ficado. Conta-se que foi tal a energia e a emoção das suas palavras que os hereges presentes reconheceram os erros e resolveram mudar de vida. Insatisfeito por não ter levado a sua palavra a todos, Santo António retirou-se, solitário, para pedir a Deus a conversão da cidade. Uma vez que os homens ingratos não o ouviam, foi para as praias do mar Adriático e, em altos brados, pregou aos peixes, incitando-os a louvar o Criador. Diante daquela voz imperiosa e daquelas palavras sábias, apareceram muitos habitantes das águas, distribuíram-se ordenadamente, por espécie e por tamanho, ergueram a cabeça da água e ficaram a ouvi-lo, atentamente. (13) hereges: aqueles que negam ou atacam os dogmas religiosos. (14) arrancar: extirpar, tirar, matar. (15) Referência à pobreza voluntária de Santo António. (16) Imaginando Santo António descalço e sem apego aos bens terrenos, Vieira considera que não havia nada para sacudir: não tinha sapatos e nem o pó se agarrava aos seus pés. (17) vantagens,

resoluções. (18) Deus. (19) curto: limitado, impróprio, não ajustado à sua grandeza. (20) são: salutar (a partir da edição de 1682, foi corrigido para «o sal da minha doutrina»). (21) reforma dos vícios: emenda. (22) ou se tem tomado dele: ou se tem tomado uma parte dele; «se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele»: se a terra tem tomado o sal ou se tem tomado, ao menos, uma parte dele.

[61]

II

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes(23)? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só cousa pudera desconolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária(24), que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

Vos estis sal terræ. Haveis de saber, irmãos peixes(25), que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são e preservá-lo, para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador Santo António, como também as devem ter as de todos os pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar e repreender o mal para preservar dele. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque também nos peixes tem seu lugar. Assim diz o grande doutor da Igreja S. Basílio(26): Non carpere solum, reprehendereque possumus pisces, sed sunt in illis, et quæ prosequenda sunt imitatione(27). Não só há que notar, diz o santo, e que repreender nos peixes, senão também que imitar e louvar. Quando Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar: Sagenæ missæ in mare(28), diz que os pescadores recolheram os peixes bons e lançaram fora os maus: Ellegerunt bonos in vasa, malos aatem foras miserunt(29). E onde há bons e maus, há que louvar e que repreender. Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro louvar-vos-ei as vossas atitudes, no segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las depois de mortos.

Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer, que, entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra, e a vós primeiro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deus a monarquia e o domínio de todos os animais dos três elementos, e nas provisões(30), em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foram os peixes: Ut præsit piscibus maris, et volatilibus cæli, et bestiis, universaeque terræ.(31) Entre todos os animais do mundo, os peixes são os mais(32) e os peixes os maiores. Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia(33)? Por isso Moisés(34), cronista da criação, calando os nomes de todos os animais, só a ela nomeou pelo seu: Creavit Deus cete grandia(35). E os três músicos(31) da fornalha da Babilónia(37) o cantaram também como singular entre todos: Benedicite, cete et omnia quæ moventur in aquis, Domino(38). Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar destas vaidades, e é também para os lugares em que tem lugar a adulação(39), e não para o púlpito.

(23) Segundo Rodrigues Lapa, esta frase assume um sentido exclamativo: «Com que então vamos hoje pregar aos peixes!». (24) vulgar, comum. (25) Tal como S. Francisco de Assis, trata todos os seres vivos, criados por Deus, como irmãos. (26) Basílio: bispo de Cesareia, na Capadócia (Turquia), orador e escritor do século IV. (27) «Não temos só coisas a lamentar e repreender nos peixes, mas também coisas a imitar e a louvar». (28) «Redes lançadas ao mar» (Mateus, XIII - 47) (29) «Escolheram os bons para os vasos e deitaram fora os maus» (Mateus, XIII - 48) (30) provisões: determinações, decretos, documentos. (31) «Para que presida aos

peixes do mar, às aves do céu, aos animais ferozes e a toda a terra» (Génesis, I - 26) (3z) Os mais numerosos. (33) Para os antigos, a baleia era um peixe; neste Sermão, também Vieira se refere a esses cetáceos como peixes. (34) Moisés: libertador do povo hebreu (que estava cativo no Egipto), guiou-o durante a longa caminhada até à Terra Prometida; no Monte Sinai, recebeu as Tábuas da lei, morrendo antes de entrar na Palestina. (35) («Criou Deus a enorme baleia» (Génesis, I - 21) (36) Os três músicos são os três jovens hebreus (Sidrac, Misac e Abdênago) (ou, segundo Mário Fiúza, são três companheiros do profeta Daniel: Ananias, Misael e Azarias) colocados por Nabucodonosor numa fornalha ardente, por se terem recusado a adorar a sua estátua em ouro. No entanto, passearam no interior da fornalha, cantando louvores a Deus, e saíram incólumes. (3z) Babilónia: cidade do sudoeste da Mesopotâmia (região do Médio Oriente situada na Ásia Ocidental, e que hoje faz parte do Iraque, que foi o berço das primeiras civilizações, nomeadamente a civilização suméria e a babilónica), entre os rios Eufrates e Tigre (actual sul iraquiano, a 80 km de Bagdade). Foi a capital desta vasta área por muitos séculos, o que faz com que o termo «Babilónia» seja utilizado como referência à cultura desenvolvida naquela zona. Foi pela primeira vez colonizada em 4000 a. C. (3a) «Peixes grandes e tudo quanto se move nas águas, bendizei o Senhor.» (Daniel, III -79) (39) lisonja.

[63]

Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos, hoje, é aquela obediência, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo António. Oh, grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a António, querendo-o lançar da terra e ainda do mundo, se pudessem, porque lhe reprendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso(40) acudindo a sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio, e com sinais de admiração e assenso(41) (como se tiveram entendimento) o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados(42) e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas(43), pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade; e como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram- -no ao mar a ser comido dos peixes, e o peixe que o comeu levou-o às praias de Nínive(44), para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudam(45) à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação(46)? Vede, peixes, e não vos venha vanglória(47), quanto melhor sois que os homens. Os homens tiveram entranhas(48) para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

Mas porque nestas duas acções teve maior parte a onipotência que a natureza (como também em todas as milagrosas que obram os homens), passo às virtudes naturais e próprias vossas. Falando dos peixes, Aristóteles(49) diz que só eles entre todos os animais se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio(50) tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem connosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor(51) nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos(52), lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. Os autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade(53) ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fora natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus

familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões(54) o fazem. Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhe ditos o papa-

(40) *ajuntamento.* (41) *assenso: concordância, assentimento.* (42) *teimosos, endurecidos.* (43) *fonas: o Livro de Jonas, o mais pequeno dos livros do Antigo Testamento, embora incluído nos proféticos, assume um carácter satírico e irónico. ~ no século IV a. C.; indo num barco, foi lançado ao mar, durante uma tempestade; uma baleia engoliu-o e levou-o durante três dias no ventre até ~ tando-o numa praia, onde ele começou a pregar; tal como Jonas ficou três dias dentro do ventre da baleia, também Jesus esteve três dias sepultado.* (44) *Nínive: capital do reino da Assíria, na margem esquerda do rio Tigre. (Os Assírios são tradicionalmente tidos como um povo conquistador e cruel~ bém foram construtores de uma civilização que deixou marcas importantes no mundo antigo, visíveis nas suas cidades, como Nínive, Assur e Nim~~~ ~ a partir do século VII a. C., depois de mais de quinze séculos de conquistas e esplendor.)* (45) *O uso do presente do indicativo em vez do presente do conjuntivo acentua a realidade do facto.* (46) *ministros da salvação: sacerdotes.* (47) *vanglória: orgulho, vaidade.* (48) *tiveram entranhas: tiveram coragem (observe-se o duplo sentido moral e físico de entranhas).* (49) *Aristóteles: filósofo grego, nasceu em 384 a. C, em Estagira (daí ser conhecido por Estagirita) e morreu em Cálcis, em 322; discípulo de Platão e ~ ~ Alexandre Magno, estudou na Academia de Atenas e foi autor, entre outras obras, de Arte Poética, Política, A Tragédia, Meta física.* (50) *bugio: espécie de macaco corpulento.* (51) *açor: ave de rapina usada na caça, semelhante ao falcão.* (52) *pegos: zonas profundas; abismos.* (53) *docilidade: obediência, submissão.* (54) *pensões: preocupações, trabalhos.*

[64]

gaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas pioses(55); faça-lhe bufonarias(56) o bugio, mas no seu cepo; contente- -se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze- -se o boi de lhe chamarem feroso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz(57), puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara(58) e da espora; e se os tigres e os leões lhe comem a ração da carne que não caçaram nos bosques, sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto vós, peixes, longe dos homens e fora dessas cortesias, vivereis só convosco, sim, mas como peixe na água. De casa e das portas adentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há filósofos que dizem que não tendes memória.

No tempo de Noé(59) sucedeu o dilúvio que cobriu e alagou o mundo, e de todos os animais quais se livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leoa, e assim dos outros animais da terra; das águias escaparam duas, fêmea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam, antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra e todas as aves, porque não morreram também os peixes? Sabeis porquê? Diz Santo Ambrósio(60): porque os outros animais, como mais domésticos ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os homens, os peixes viviam longe e retirados deles. Facilmente pudera Deus fazer que as águas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animais. Bem o experimentais na força daquelas ervas com que, infeccionados os poços e lagos da mesma água vos mata; mas como o dilúvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus pecados, e ao mundo pelos pecados dos homens, foi altíssima providência da divina justiça que nele houvesse esta diversidade ou distinção, para que o mesmo mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal e que por isso os animais que viviam mais perto deles foram também castigados e os que andavam longe ficaram livres. Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande filósofo, qual era a melhor terra do mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo António, e foi este um dos benefícios de que vos exortou a dar graças ao Criador, bem vos pudera alegar (61) consigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens(62). Para fugir dos homens deixou a casa de seus pais e se recolheu ou acolheu a uma religião, onde professasse

perpétua clausura(63). E porque nem aqui o deixavam os que ele tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens, mudou o hábito(64), mudou o nome(65), e até a si mesmo se mudou, ocultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido nem buscado, antes deixado de todos, como lhe sucedeu com seus próprios irmãos no capítulo geral de Assis(66). De ali se retirou a fazer vida solitária em um ermo, do qual nunca saíra, se Deus como por força o não manifestara, e por fim acabou a vida em outro deserto tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens(67).

(55) De acordo com Gonçalves Viana (in Apostilas aos Dicionários Portugueses, Tomo li, Livraria Clássica Editora, 1906, p. 76), o vocábulo (com origem em pediola) é um substantivo feminino: no singular pió e no plural piós e pioses, aceitando o plural duplo. Designa as correias que os caçadores de altanaria usavam para amarrar as pernas das aves de rapina, como, por exemplo, o falcão ou o açor. (56) arremedos, palhaçadas. (57) cerviz: pescoço, cabeça. (58) vara: símbolo do poder. (59) Noé: encarregado por Deus, construiu a Arca para salvação da família e dos animais durante o Dilúvio. (so) Santo Ambrósio: teólogo da Igreja latina e Bispo de Milão (340-397), ganhou fama com os seus sermões. (61) alegar: argumentar, invocar. (62) Observe-se a antítese (buscava/fugia). (e3) clausura: vida religiosa que não permite a saída nem a entrada a pessoas estranhas ao convento. (64) Santo António pertenceu aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e depois fez-se frade franciscano. (65) Santo António chamava-se Fernando de Bulhões; mudou de nome ao ingressar na Ordem dos Franciscanos. (66) Assis: cidade de Itália, na Úmbria, onde nasceu S. Francisco de Assis. (67) Antítese (unido/apartado).

[65]

III

*Este é, peixes, em comum o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabém, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita matéria fora se houvera de discorrer pelas virtudes de que o autor da natureza a(68) dotou e fez admirável em cada um de vós. De alguns somente farei menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos como tão celebrado na Escritura é aquele santo peixe de Tobias(69), a quem o texto sagrado não dá outro nome, que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o anjo S. Rafael(70), que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a boca aberta em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado(71), mas o anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fê-lo assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel(72) era bom para sarar da cegueira, e o coração para lançar fora os demónios: *Cordis ejus particulam, si super carbones ponas, fumus ejus extricat omne genus Dæmoniorum et fel valet ad unguendos, oculos, in quibus fuerit albugo, et sanabunturt(73).* Assim o disse o anjo, e assim o mostrou logo a experiência, porque sendo o pai de Tobias cego, aplicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou(-,') inteiramente a vista; e tendo um demónio chamado Asmodeu(75) morto sete maridos a Sara, casou com ela o mesmo Tobias; e quei-mando na casa parte do coração, fugiu dali o demónio e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquele peixe tirou a cegueira a Tobias, o velho(76), e lançou os demónios de casa de Tobias, o moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel, quem o não louvará muito? Certo que se a este peixe o vestiram de burel(77) e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo António.*

Abria Santo António a boca contra os hereges, e enviava-se(78) a eles, levado do fervor e zelo da fé e glória divina. E eles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se(79) com aquele homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que revelasse qual é o coração desse homem e esse fel que tanto vos

(68) a: a Natureza. (s9) Tobias: filho de Tobite, um judeu que vivia deportado em Nínive. (70) 5. Rafael: um dos sete anjos; enviado à terra para acompanhar Tobias, com poder sobre as doenças e os demónios. (71) assombrado: assustado, aterrado, espantado, perplexo. (7z) fel: bÍlis ou vesícula biliar; amargo. (73) «Se puseres sobre as brasas um pedaço do seu coração, o fumo afugentará toda a espécie de demónios e o fel serve para untar os olhos doentes de névoa e sararão» (Tobias, VI - 8) (74) cobrara vista: recuperar a capacidade de visão. (75) Asmodeu (símbolo da ira e da violência): nome do demónio que matou no dia do casamento sete maridos dados a Sara, filha de Raquel; Tobias, queimando o coração e o fígado dum peixe, afugentou o demónio Asmodeu para o deserto e curou a cegueira do pai; depois, casou com Sara. (7s) Tobite. (77) burel: tecido grosseiro de lã usado nos hábitos dos frades. (7\$) atirava-se a eles. (79) assustavam-se.

[67]

amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas cousas pretende de vós, e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demónios fora de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demónios, perseguis vós?! Só uma diferença havia entre Santo António e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo António abria a sua contra os que não queriam lavar(80).

Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

Passando dos da Escritura aos da história natural, quem haverá que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da rémora(81)? No dia de um santo menor(82), os peixes menores devem preferir a outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquele peixezinho tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder, que, não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da Índia, apesar das velas e dos ventos, e de seu próprio peso e grandeza, a prende e amarra mais que as mesmas âncoras, sem se poder mover, nem ir por diante? Oh se houvera uma rémora na terra, que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida, e que menos naufrágios no mundo!

*Se alguma rémora houve na terra, foi a língua de Santo António, na qual, como na rémora, se verifica o verso de São Gregório Nazianzeno(83): *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit*(84).*

O apóstolo Santiago(85), naquela sua eloquentíssima Epístola(86), compara a língua ao leme da nau e ao freio do cavalo. Uma e outra comparação juntas declaram maravilhosamente a virtude da rémora, a qual, pegada ao leme da nau, é freio da nau e leme do leme. E tal foi a virtude e força da língua de Santo António. O leme da natureza humana é o alvedrio(87), o piloto é a razão; mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a língua de António quanta força tinha, como rémora, para domar(88) e parar a fúria das paixões humanas. Quantos, correndo fortuna na nau Soberba(89), com as velas inchadas do vento e da mesma soberba (que também é vento), se iam desfazer nos baixos(90), que já rebentavam por proa, se a língua de António, como rémora, não tivesse mão no leme, até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fora e a de dentro? Quantos, embarcados na nau Vingança(91), com a artilharia abocada(92) e os bota-fogos(93) acesos, corriam enfunados a dar-se batalha, onde se queimariam ou deitariam a pique, se a rémora da língua de António lhe não detivesse a fúria, até que composta a ira e ódio, com bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos, navegando na nau Cobiça(94), sobrecarregada até às gáveas(95) e aberta com o peso por todas as cos-turas, incapaz de fugir, nem se defender, dariam nas mãos dos corsários com perda do que levavam e do que iam buscar, se a língua de António os não fizesse parar, como rémora, até que, aliviados da carga injusta, escapassem do perigo e tomassem porto? Quantos, na nau Sensualidade(96), que sempre navega com cerração(97), sem sol de dia, nem estrelas de noite, enganados do

canto das sereias(98) e deixando-se levar

(80) Trocadilho entre «lavava» (tomava banho) e «lavar» (purificar). (81) rémora: peixe marinho cuja cabeça funciona como ventosa, o que lhe permite fixar-se a peixes maiores ou a embarcações (do lat. *remora - de~ - os antigos acreditavam que este peixe era capaz de fazer parar ou atrasar os navios*). (82) A Ordem de S. Francisco era uma Ordem dos Frades Menores. Note-se o trocadilho com menores (mais pequenos). (83) Gregório Nazianzeno (330-c. 390): teólogo e bispo, nascido em Nazianzo, na Capadócia; frequentou as Academias de Cesareia, Alexandria e ~ cultura e o seu poder oratório atraíam muitos ouvintes aos seus sermões. (84) «Na verdade, a língua é pequena mas vence tudo, com a sua força.» (85) S. Tiago Menor, filho de Maria, irmã da Virgem. Julga-se ter sido o primeiro bispo de Jerusalém e aí morreu em 62. (86) Epístola: «Vede, também, as naus que, sendo tão grandes e levadas de impetuosos ventos, se viram com um bem pequeno leme». (87) alvedrio: arbítrio; capacidade de se autodeterminar; vontade própria. (88) domar: amansar. (s9) (90) (91) (92) (93) (94) (95) (96) (9s)

[68]

da corrente, se iriam perder cegamente, ou em Cila, ou em Caríbdis(99), onde não aparecesse navio nem navegante, se a rémora da língua de António os não contivesse, até que esclarecesse a luz, e se pusessem em via(100)?

Esta é a língua, peixes, do vosso grande pregador, que também foi rémora vossa, enquanto 0 ouvistes; e porque agora está muda (posto que ainda se conserva inteira("">) se vêem e choram na terra tantos naufrágios.

Mas para que da admiração de uma tão grande virtude vossa, passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admirável é igualmente a qualidade daquele outro pei-xezinho, a que os latinos chamaram torpedo(102). Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista; mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a bóia sobre a água, e em lhe picando na isca a(°3) torpedo, começa a lhe tremer o braço. Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito? De maneira que, num momento, passa a virtude do peixezinho, da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana e da cana ao braço do pescador.

Com muita razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe pusera esta qualidade tre-mente, em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto, e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer!

Pudera-se fazer problema: onde há mais pescadores e mais modos e traças(104), depescar, se no mar ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por eles, ainda que fora grande consolação para os peixes; basta fazer a comparação com a cana, pois é o instrumento do nosso caso. No mar, pescam as canas, na terra pescam as varas(105) (e tanta sorte de varas); pescam as ginetas(106), pescam as bengalas(107), pescam os bastões(108) e até os ceptros(109) pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois é possível que pescando os homens cousas de tanto peso, lhes não trema a mão e o braço?! Se eu pregara aos homens e tivera a língua de Santo António, eu os fizera tremer.

Vinte e dois pescadores destes se acharam acaso a um sermão de Santo António, e as palavras do Santo os fizeram tremer a todos de sorte que todos, tremendo, se lançaram a seus pés, todos, tremendo, confessaram seus furtos, todos, tremendo, restituíram o que podiam (que isto é o que faz tremer mais neste pecado que nos outros), todos enfim mudaram de vida e de ofício, e se emendaram.

Quero acabar este discurso dos louvores e virtudes dos peixes com um que não sei se foi ouvinte de Santo António e aprendeu dele a pregar. A verdade é que me pre-gou a mim, e se eu fora outro, também me convertera. Navegando de aqui para o Pará (que é bem não fiquem de fora os peixes da nossa costa), vi correr pela tona da água de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos que não conhecia; e como me dissessem que os Portugueses lhes chamavam quatro-olhos⁽¹⁰⁰⁾, quis averiguar ocularmente⁽¹¹¹⁾ a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos. Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade⁽¹¹²⁾ de sua divina providência para contigo; pois às águias, que são os lince⁽¹¹³⁾ do ar, deu somente dois olhos, e aos lince, que são as águias da terra, também dois; e a ti,

(99) Cila e Caríbdis (ou Caribdes): escolhos perigosos (Cila é um rochedo; Caríbdis é um redemoinho, um sorvedouro) localizados no Estreito de Messina, ou seja, dois grandes perigos para a navegação, muito próximos um do outro. Cila era um monstro marinho que devorou seis dos companheiros de Ulisses; Caríbdis, filha da Terra e de Poseidon, foi fulminada por Zeus e lançada no mar, transformando-a em monstro que tudo devorava (do gr. Khárybdis, ((monstro fabuloso que destruía os navios no estreito de Messina», pelo lat. Charibde, «abismo; monstro devorador»). («entre Cila e Caríbdis»: entre a espada e a parede); («fugir de Cila para cair em Caríbdis»: evitar um perigo e cair noutra maior). (100) em via: a caminho. (101) Referência ao facto de a língua de Santo António se ter mantido incorrupta (encontra-se num relicário, na Basílica de Santo António, em Pádua). (102) torpedo: peixe, parecido com a raia, capaz de produzir pequenas descargas eléctricas; tremelga, treme-treme. (103) «torpedo», em latim, é do género feminino. (104) traças: artimanhas, ardis. (tos) varas: insígnias de juiz (insígnia de autoridade judicial). (106) ginetas: pequenas lanças (insígnia de autoridade dos militares, especificamente dos capitães). (107) bengalas: pequeno bastão (insígnia de autoridade dos comerciantes). (108) bastões: insígnia e distintivo de autoridade (insígnia de autoridade dos nobres). (109) ceptros: bastões, símbolos da autoridade régia (insígnia de autoridade dos reis). (110) quatro-olhos: peixe das costas do Brasil, de olhos tão salientes que, quando se desloca à superfície da água, consegue observar o que se passa fora e dentro dela; também conhecido por tralhoto e tariota. (111) ocularmente: com os olhos. (112) liberalidade: generosidade. (113) lince: mamífero carnívoro, possuidor de grande capacidade visual.

[69]

peixezinho, quatro. Mais me admirei ainda, considerando nesta maravilha a circuns-tância do lugar. Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar, nas praias daquelas mesmas terras vastíssimas, onde permite Deus que estejam vivendo em cegueira⁽¹¹⁴⁾ tantos milhares de gentes há tantos séculos?! Oh quão altas e incompreensíveis são as razões de Deus, e quão profundo o abismo de seus juízos!

Filosofando, pois, sobre a causa natural desta providência, notei que aqueles qua-tro olhos estão lançados um pouco fora do lugar ordinário, e cada par deles, unidos como os dois vidros de um relógio de areia, em tal forma que os da parte superior olham diretamente para cima, e os da parte inferior diretamente para baixo. E a razão desta nova arquitectura é porque estes peixe-zinhos, que sempre andam na superfície da água, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, senão também de grande quantidade de aves marítimas, que vivem naquelas praias; e como têm inimi- gos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas e deu- -lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes.

Oh que bem informara estes quatro-olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixe-zinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso de razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo, lembrando-me que há Inferno. Não me alegou para isso passo da Escritura; mas então me ensinou o que quis dizer David⁽¹¹⁵⁾ em um, que eu não entendia: Averte oculos meos ne videant vanitatem⁽¹¹⁶⁾. Voltai-me, Senhor, os olhos para que não vejam a vaidade. Pois David não podia voltar os

seus olhos para onde quisesse? Do modo que ele queria, não. Ele queria voltados os seus olhos, de modo que não vissem a vaidade, e isto não o podia fazer neste mundo, para qualquer parte que voltasse os olhos, porque neste mundo tudo é vaidade: Vanitas vanitatum, et omnia vanitas(117). Logo, para não verem os olhos de David a vaidade, havia-lhos de voltar Deus de modo que só vissem e olhassem para o outro mundo em ambos seus hemisférios; ou para o de cima, olhando diretamente só para o Céu, ou para o de baixo, olhando diretamente só para o Inferno. E esta é a mercê que pedia a Deus aquele grande profeta, e esta a doutrina que me pregou aquele peixezinho tão pequeno.

Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao Céu e não ao Inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas(118) e os Buçacos(119), e todas as santas famílias, que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros cristãos ajudais a levar a penitência das quaresmas; vós aqueles com que o mesmo Cristo festejou a sua páscoa, as duas vezes que comeu com seus discípulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animais terres-tres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriái-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpatia com a virtude, que, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois(120) se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só lugar vos deram os astrólogos entre os signos celestes(121), mas os que só de vós se mantêm na terra são os que têm mais seguros os lugares do Céu. Enfim, sois criaturas daquele elemento, cuja fecundidade entre todos é própria do Espírito Santo: SpirituS Domini fæcundabat aquas(122).

Deitou-vos Deus a bênção, que crescêsseis e multiplicásseis; e para que o Senhor vos confirme essa bênção, lembrai-vos de não faltar aos pobres com o seu remédio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos aumentos. Tomai o exemplo nas irmãs sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Criador em número

(114) Referência aos indígenas da Amazónia que ainda se encontravam privados da luz da Fé. (115) David: rei de Israel (1001-970 a. C.). (116) «Adverte os meus olhos para que não vejam a vaidade.» (Salmo CXVIII - 37) (117) «Vaidade de vaidades, tudo é vaidade.» (Ecles. I - 2) (118) Pertencentes à Ordem Religiosa da Cartuxa, fundada em 1084, por S. Bruno, na Cartuxa (França); em Portugal, a primeira filial é instalada em 1587; ordem religiosa puramente contemplativa, destaca-se pela solidão e pela austeridade de vida dos seus membros, pelo jejum a pão e água -feiras, por tomarem apenas uma refeição por dia desde Setembro até à Páscoa e pela recusa de carne. (119) Ordens Religiosas que devem o seu nome ao facto de se terem instalado nas matas do Buçaco; também recusavam a carne. (120) Na época, eram dois os dias de abstinência: a sexta-feira e o sábado; a partir de 1918, passou a ser apenas a sexta-feira. (121) O signo Peixes (de 20 de Fevereiro a 20 de Março). (122) «O espírito de Deus fecundava as águas.» (Génesis, I - 5)

[70]

tão inumerável? Porque são sustento de pobres. Os solhos(123) e os salmões são muito contados, porque servem à mesa dos reis e dos poderosos; mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Cristo, o mesmo Cristo o multiplica e aumenta. Aqueles dois peixes companheiros dos cinco pães do deserto multiplicaram tanto que deram de comer a cinco mil homens(124). Pois se peixes mortos, que sustentam a pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos! Crescei, peixes, crescei e multiplicai, e Deus vos confirme a sua bênção.

(123) O mesmo que solha; deve o seu nome ao facto de a sua forma ser semelhante à de uma sola (do latim solea). (124) Referência ao milagre da multiplicação dos pães.

[71]

IV

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja deemenda. A primeira cousa que me desedifica(128), peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só voscomeis uns aos outros, senão queos grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se ospequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos,nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho(129): Homines pra- vis, præversisque cupiditatibus facti sunt, sicut piscis invicern se devorantes: «Os homenscom suas más e perversas(130) cobiças vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros». Tão alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer! Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias(131) se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer(132) às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer, e como se hão-de comer. Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores(133); comem-no os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos e ausentes; come-o o médico, que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador que lhe tirou o sangue; come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar; enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra(134).

128) desedifica: escandaliza. 129) Santo Agostinho: bispo de Hipona que viveu entre 354 e 430, autor de As Confissões e A Cidade de Deus; viveu a juventude de forma desregrada, mas converteu-se ao Cristianismo após ter ouvido, em Milão, as pregações de Santo Ambrósio, que o baptizou em 387. 130) perversas: vis, malvadas, traiçoeiras. 131) Tapuias: índios de pequena estatura que ocupavam a parte Leste do Brasil e a região central da América do Sul. '≈3z) concorrer: aglomerar- se, correr para, reunir. ~stalada em Évora, em 1587- (133) acredores (arcaísmo): credores. (134) Observe-se o trocadilho com a palavra «terra».

[73]

Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. Vivo estava Job(135), quando dizia: Quare persequimini me, et carnis meis saturamini? (Job, XIX - 22): «Por que me perseguis tão desumanamente, vós, que me estais comendo vivo e fartando- -vos da minha carne?» Quereis ver um Job destes?

Vede um homem desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o meirinho(136), come-o o carcereiro, come-o o escrivão, come-o o solicitador, come-o o advogado, come-o o inquiridor, come-o a testemunha, come-o o julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à força não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em júzo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos modos com que vós comeis no mar, ouvi a Deus queixando-se deste pecado: Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam, ut cibum panis(137). Cuidais, diz Deus, que não há-de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade? E que maldade é esta, à qual Deus singularmente chama a maldade, como se não houvera outra no mundo? E quem são aqueles que a cometem? A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores que comem os pequenos: Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.

Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe! Plebem meam, porque a plebe e os ple beus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: Qui devorant Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta(138) a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: Qui devorant plebem meam. E de que modo os devoram e comem? Ut cibum panis: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e conti-nuadamente se come; e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos(139), não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem(140): Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.

Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo que não, e com olhardes uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos; e os muito grandes não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

Se cuidais, porventura, que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigo, enganais-vos. Assim como Deus as castiga nos homens, assim também por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvís e estais presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouviríeis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseráveis remeiros delas(141), que os maiores que cá foram

(135) Job; símbolo da resignação e da persistência da fé perante a adversidade; job é o protagonista do livro bíblico que tem o seu nome, um dos ~ tantos escritos sapienciais. O Livro de job desenvolve duas doutrinas principais: que também os justos, e não apenas os pecadores, são expostos a sofrimentos, e que é necessário resistir às tentações e às falsas aparências que levam o crente a repudiar a sua fé. (Job era um homem muito rico que deu a fé mesmo depois de ter perdido todos os seus bens materiais. Afirmava: «Deus mo deu, Deus mo tirou; abençoado seja o nome de Deus». C~~ inabalável, resistiu à troça da esposa e dos amigos; Deus devolveu-lhe, a dobrar, os seus bens.) (136) meirinho: juiz régio a quem cabia mandar executar as sentenças do soberano. (137) «Porventura, não conhecem todos os que praticam o mal, os que devoram o meu povo, como um pedaço de pão?» (Salmo XIII - 4) (13s) Observe-se o anacoluto («porque os grandes... não se contenta a sua fome»). (139) Referência aos índios explorados pelos colonos. (140) Observe-se a gradação crescente: comam, traguem, devorem. (141) Os remeiros das canoas eram os índios.

[74]

mandados, em vez de governar e aumentar o mesmo Estado, o destruíram; porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos(").

Assim, foi; mas, se entre vós se acham acaso alguns dos que, seguindo a esteira dos navios, vão com eles a Portugal e tornam para os mares pátrios, bem ouviriam estes lá no Tejo, que esses mesmos maiores, que cá comiam os pequenos, quando lá chegam acham outros maiores que os comam também a eles. Este é o estilo da divina justiça tão antigo e manifesto, que até os gentios(143) o conheceram e celebraram:

Vos quibus rector maris, atque terræ Jus dedit magnum necis, atque vitæ; Ponite inflatos, tumidosque vultus, Quidquid a vobis minor extimescit Maior hoc vobis Dominus minaturt(144)

Notai, peixes, aquela definição de Deus: Rector maris atque terræ. Governador do mar e da terra; para que não duvideis que o mesmo estilo, que Deus guarda com os homens na terra, observa também convosco no mar. Necessário é logo que olheis por vós e não façais pouco caso da doutrina que vos deu o grande doutor da Igreja, Santo Ambrósio(145), quando, falando convosco, disse: Cave nedum alium insequeris, incidas in validiorem(146). Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco para o comer, não se ache na boca do mais forte, que o engula a ele. Nós o vemos aqui cada dia. Vai o xaréu(147) correndo atrás do bagre(148), como o cão após a lebre, e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão com quatro ordens de dentes, que o há-de engolir de um bocado. É o que com maior elegância vos disse também Santo Agostinho: Prædo minoris fit præda maioris(149). Mas não bastam, peixes, estes exemplos para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade que usais com os pequenos, tem já aparelhado o castigo na voracidade dos grandes? Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que de aqui por diante sejais mais repúblicos(150) e zelosos do bem comum, e que este prevaleça(151) contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fora e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes (152), quantos são os pescadores, que nem de dia nem de noite deixam de vos pôr em cerco e fazer guerra por tantos modos?! Não vedes que contra vós se emalham(153) e entralham(154) as redes, contra vós se tecem as nassas(155), contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam(156) os anzóis, contra vós as físgas(157) e os arpões(158)? Não vedes que contra vós até as canas são lanças e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós de vossas portas adentro o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse, já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa(“) discórdia; e pois vos chamei e sois irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não está-veis vós muito quietos, muito pacíficos e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava Santo António? Pois continuai assim, e sereis felizes.

Dir-me-eis (como também dizem os homens) que não tendes outro modo de vos sustentar(160). E de que se sustentam entre vós muitos, que não comem os outros?

(142) Aqueles que iam para o Brasil com a intenção de enriquecer, quase sempre à custa dos indígenas. (143) gentios: não cristãos; pagãos. (144) «Vós, a quem o que governa o mar e terra deu poderoso direito de vida e de morte, baixai os rostos soberbos e iracundos: aquilo que o mais pequeno receia de vós, com isso mesmo vos ameaça o Senhor maior que vós.» (Séneca, tragédia Thyestes, vv. 606-610) (14s) Santo Ambrósio: teólogo da Igreja latina e Bispo de Milão (340-397), ganhou fama com os seus sermões. (146) «Cuidado, não caias nas mãos do mais forte, quando persegues um outro.» (Aquele que aprisiona o mais fraco torna-se presa do mais forte.) (147) xaréu: peixe semelhante ao churréu ou carapau-preto; é um peixe grande das costas do Brasil. (14s) bagre: pequeno peixe das costas do Brasil. (149) «O ladrão do menor torna-se presa do maior.» mais repúblicos: mais preocupados com a causa pública. prevalecer: sobressair. pertinazes: teimosos. emalhar. prender nas malhas, enredar. entralhar: prender a rede. nassas: espécie de cesto de verga afunilado, destinado a apanhar peixes. farpar. pôr farpas em, rasgar. físgas: espécie de arpão em forma de garfo, para apanhar peixes. arpão: instrumento usado na pesca de peixes grandes. perniciosa: prejudicial, perigosa. Os colonos afirmavam que a sua única forma de sustento era a escravização dos índios. (150) (151) (152) (153) (154) (155) (156) (157) (158) (159) (160)

[75]

O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante, e só com o que bota às praias pode sustentar grande parte dos que vivem dentro nele. Comerem- -se uns animais aos outros é voracidade e sevícia(161), e não estatuto(162) da natureza. Os da terra e do ar, que hoje se comem, no princípio do mundo não se comiam, sendo assim conveniente e necessário para que as espécies de todos se multiplicassem. O mesmo foi (ainda mais claramente) depois do dilúvio, porque tendo escapado somente dois de cada espécie, mal se podiam conservar se se comessem. E finalmente no tempo do mesmo dilúvio, em que todos viveram juntos dentro na arca, o lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, e cada um aqueles em que se costuma cevar; e se acaso lá tiveram essa tentação, todos lhe resistiram e se acomodaram com a ração do paio(163) comum, que Noé lhes repartia. Pois se os animais dos outros elementos mais cálidos(164) foram capazes desta temperança, por que o não serão os da água? Enfim, se eles em tantas ocasiões pelo desejo natural da própria conservação e aumento fizeram da necessidade virtude, fazei-o vós também; ou fazei a virtude sem necessidade e será maior virtude. Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Toma um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando(165), até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?! Dir- -me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques(166), dos chuços(167) e das espadas, e porquê? Porque houve quem os engodou(168) e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca na ponta desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta(169), ou verde, que se chama de Avis(170), ou vermelho, que se chama de Cristo(171) e de Santiago(172); e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito não reparam em tragar(173) e engolir o ferro. E depois disso que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros. Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa, porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não há exércitos, nem esta ambição de hábitos. Mas nem por isso vos negarei que também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras(174) das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhe passou a era e não têm gasto e que faz? Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacadela(175) e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sobe mais o preço; e os bonitos, ou os que o querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e ali ficam engasgados e presos, com dívidas de um ano para outro ano, e de uma safra(176) para outra safra, e lá vai a vida. Isto não é encarecimento(177). Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça(178), ou na cana(179), ou no

(161) (162) (163) (164) (165) (166) (167) (168) (169) (170) (171) (172) (173) (174) (175) (v6) (177) (178) (179)

sevícia: tortura, desumanidade. estatuto: lei da natureza. paio: num barco, a arrecadação onde se guardam os alimentos. cálidos: quentes, escaldantes. boqueando: respirando com dificuldade. pique: espécie de lança. chuço: pau armado de agulhão. engodar: atrair com engodo ou isca. hábito de Malta: hábito branco dos Cavaleiros da Ordem de Malta (fundada em 1113). hábito de Avis: traje próprio de uma ordem religiosa ou monástico-militar (fundada em 1145). hábito de Cristo: hábito dos Cavaleiros da Ordem de Cristo (fundada em 1118). hábito de Santiago: hábito dos Cavaleiros da Ordem de Santiago (fundada em 1161). tragar: engolir. varreduras: os restos (das lojas). sacadela: puxão (a comparação entre o comerciante e o pescador,

que dá constantes puxões para atrair ou para agarrar o peixe quando este safra: colheita; época. encarecimento: exagero. roça: terreno em que se roçou o mato e que é aproveitado para o cultivo de feijão ou de milho. cana: cultura da cana-de-açúcar.

[76]

engenho(180), ou no tabacal; e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras(181), nem os cavalos, nem os escudeiros, nem os pajens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as baixelas, nem as jóias; pois em que se vai e despende toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano. Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens com que vos escusais? Claro está que sim; nem vós o podeis negar. Pois se é grande loucura desperdiçar a vida por dois retalhos de pano, quem tem obrigação de se vestir, vós, a quem Deus vestiu do pé até à cabeça, ou de peles de tão vistosas e apropriadas cores, ou de escamas prateadas e douradas, vestidos que nunca se rompem, nem gastam com o tempo, nem se variam ou podem variar com as modas; não é maior ignorância e maior cegueira deixardes-vos enganar ou deixardes-vos tomar pelo beijo com duas tirinhas de pano? Vede o vosso Santo António, que pouco o pôde enganar o mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquela idade tanto se preza, trocou-as por uma loba(182) de sarja(183) e uma correia(184) de cónego regrante(185); e depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquela mortalha, trocou a sarja pelo burel e a correia pela corda. Com aquela corda e com aquele pano, pescou ele muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

(180) engenho: máquina para o fabrico do açúcar. (181) liteiro: cadeirinha coberta, transportada por dois animais, um à frente e outro atrás. (182) loba: batina eclesiástica. (183) sarja: simples túnica de lã e algodão. (184) Referência ao hábito dos Franciscanos, a cuja Ordem pertenceu Santo António, que ainda hoje usam uma corda à cintura (ao cingir os rins, simboliza o domínio sobre as paixões). (185) cónegos regrantes (ou cónegos regulares): clérigos que faziam os seus votos religiosos, viviam em comunidade e faziam voto de pobreza; Santo António, com cerca de vinte anos, ingressou nos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, no Mosteiro de S. Vicente de Fora. (186) MARGARIDA VIEIRA MENDES, Sermão de Santo António aos Peixes e Sermão do Sexagésima, Coleção Textos Literários, Seara Nova.

[77]

V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os roncadores(187) e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do mar?! Se com uma linha de coser e um alfinete torcido vos pode pescar um aleijado, por que haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizei-me: o espadarte(188) por que não ronca? Porque, ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca língua. Isto não é regra geral; mas é regra geral que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados(189), tinha tão boa espada, que ele só

187) roncodor: peixe da costa de Portugal, espécie de corvina, que parece grunhir como um porco. 1e\$) espadarte: peixe de grande porte. 189) Porque era pescador.

[79]

V

avançou contra um exército inteiro de soldados romanos(190); e se Cristo lha não mandara meter na bainha eu vos prometo que havia de cortar mais orelhas que a de Malco(191). Contudo, que lhe sucedeu naquela mesma noite(192)? Tinha roncado e barbateado Pedro que, se todos fraqueassem, só ele havia de ser constante até morrer, se fosse necessário; e foi tanto pelo contrário que só ele fraqueou(193) mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar(194). Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora em que prometeu tanto de si. Disse-lhe Cristo no horto que vigiasse, e vindo de aí a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido que não só o acordou do sono, senão também do que tinha blasonado(195): Sic non potuisti una hora vigilare mecum?(196) Vós, Pedro, sois o valente que havíeis de morrer por mim, e não pudestes uma hora vigiar comigo? Pouco há tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da ocasião é sinal de dormir nela. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pode acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blasonar, nem roncar.

Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogância na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogância segura. O que é a baleia entre os peixes era o gigante Golias(197) entre os homens. Se o rio Jordão e o mar de Tiberíades têm comunicação com o Oceano, como devem ter, pois dele manam todos, bem deveis de saber que este gigante era a ronca dos filisteus(198). Quarenta dias contínuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiais de Israel, sem haver quem se lhe atrevesse; e no cabo, que fim teve toda aquela arrogância? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com ele em terra. Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus(199), e quem se toma com Deus sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar e imitar a Santo António. Duas cousas há nos homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. Caifás(200) roncava de saber: Vos nescitis quidqiram(201). Pilatos(202) roncava de poder: Nescis quia potestatem habeo?(203) E ambos contra Cristo.

Mas o fiel servo de Cristo, António, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmo experimentastes, ninguém houve jamais que o ouvisse falar em saber ou poder, quanto mais blasonar(204) disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado(205).

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a Linha Equinocial(206), vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha e pegado também aos peixes. Pegadores(207) se chamam estes de que agora falo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados que jamais os desferram(208). De alguns animais de menos força e indústria(209) se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome.

(190) Observe-se a hipérbole (foram apenas alguns soldados, guardas dos Sumos Sacerdotes, que prenderam Jesus Cristo). (191) Malco: servo do Pontífice a quem S. Pedro cortou a orelha direita (logo curada por Cristo, quando aquele vinha para o prender, no Horto (cf. Lucas, 22-51; João, 18-10) (192) naquela mesma noite: a noite em que Jesus velou no Horto das oliveiras. (193) fraqueou: fraquejou. (194) Logo após a prisão de Jesus, Pedro negou ser um dos Seus discípulos, quando uma mulher (uma criada do Sumo Sacerdote) o interrogou. (195) blasonado: vangloriado, gabado. (196) «Então não pudeste vigiar comigo durante uma hora?» (Marcos, XIV - - 37) (197) O gigante filisteu Golias foi vencido por David. (198) filisteus: originários de Kaphthor, eram inimigos dos Hebreus e contra eles combateram. (199) Ousam enfrentar Deus. (zoo) Caifás: Sumo Sacerdote que decidiu a morte de Cristo. (201) «Vós não sabeis nada.» (João, XI - 4) ou (João, XI - 46) (202) Pilatos: Pôncio Pilatos, procurador romano da Judeia, do ano 26 ao 36, sob o governo do

Imperador Tibério; Pilatos permitiu que Cristo fosse co à morte; lavando as mãos, mostrou simbolicamente que se alheava do crime que ia ser cometido. (203) «Não sabeis que tenho poder?» (João, XIX - 10) (204) blasonar gabar-se, vangloriar-se. (205) Alcançou celebridade; observe-se o trocadilho (entre «gritar» e «ser célebre») e a antítese (calou/deu brado). (206) Linha Equinocial: o Equador. (207) pegadores: peixes também conhecidos pelos nomes de rémora maior, agarrador ou peixe-piolho (simbolicamente: parasitas). (208) desferrar. desligar, largar. (209) indústria: intenção, propósito.

[80]

Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto(210), depois que os nossos portugueses o navegaram; porque não parte vice-rei ou governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhe matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes desenganados da experiência despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna(211) dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodeia a nau o tubarão nas calmarias da Linha com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele que mais parecem remendos ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados(212), arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companhia(213) a alá-lo(214) acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos(215); enfim, morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores.

Parece-me que estou ouvindo a S. Mateus, sem ser Apóstolo pescador, descrevendo ato mesmo na terra. Morto Herodes(216), diz o evangelista, apareceu o anjo a José(217) no Egipto, e disse-lhe que já se podia tornar para a pátria, porque eram mortos todos aqueles que queriam tirar a vida ao Menino: Defuncti sunt enim qui querebant animam Pueri(218). Os que queriam tirar a vida a Cristo Menino eram Herodes e todos os seus, toda a sua família, todos os seus aderentes(219), todos os que seguiam e pendiam(220) da sua fortuna. Pois é possível que todos estes morressem juntamente com Herodes? Sim: porque em morrendo o tubarão, morrem também com ele os pegadores: Defuncto Herode, defuncti sunt qui querebant animam Pueri.(221) Eis aqui, peixeinhos ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes. Tomai o exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo António.

Deus também tem os seus pegadores. Um destes era David, que dizia: Mihi autem adhærere Deo bonum est. (222) Peguem-se outros aos grandes da terra, que eu só me quero pegar a Deus. Assim o fez também Santo António, e senão, olhai para o mesmo santo, e vede como está pegado com Cristo e Cristo com ele. Verdadeiramente se pode duvidar qual dos dois é ali o pegador; e parece que é Cristo, porque o menor é sempre o que se pega ao maior, e o Senhor fez-se tão pequenino, para se pegar a António. Mas António também se fez menor, para se pegar mais a Deus(223). Daqui se segue que todos os que se pegam a Deus, que é imortal, seguros estão de morrer como os outros pegadores. E tão seguros, que ainda no caso em que Deus se fez homem e morreu, só morreu para que não morressem todos os que se pegassem a ele. Bem se viu nos que estavam já pegados, quando disse: Si ergo me quæritis, sinite ~os abire(224): Se me buscaís a mim, deixai ir a estes. E posto que deste modo só se iodem pegar os homens, e vós, meus peixeinhos, não, ao menos deveis imitar aos outros animais do ar e da terra, que quando se chegam aos grandes e se amparam do seu poder, não se pegam de tal sorte que morram juntamente com eles. Lá diz a Escritura daquela famosa árvore, em que era significado o grande Nabucodonosor(225), que todas as aves do céu descansavam sobre os seus ramos, e todos os animais da terra se recolhiam à sua sombra, e uns e outros se sustentavam de seus frutos; mas também diz que tanto que foi cortada esta árvore as aves voaram e os outros animais

(210)peixes do alto mar. (211)fortuna: sorte. (212)soldados: peixes que os pescadores usam como isca.

companha: tripulação do barco. alá-lo: içá-lo, erguê-lo, levantá-lo. arranco: esforço, estrebuchadela. Herodes: Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande; viveu com Heroíde, mulher do seu irmão Filipe; devido a esta relação, João Baptista foi preso apitado; Herodes viria a ser exilado. José: pai adoptivo de Cristo e marido de Maria. De facto, morreram os que queriam a vida do Menino.» (Mateus, II - 20) afectos, partidários. pendiam: dependiam. <Morto Herodes, morreram também os que queriam a vida do Menino.» :Mas para mim é bom unir-me a Deus.» (Salmo LXXII - z) Recorde-se a figura que representa Santo António com o Menino ao colo. Se é, pois, a mim que buscais, deixai ir estes» João, XVIII - 8) Nabucodonosor (605-562 a. C.): monarca da Babilónia, famoso pelas conquistas e pelo cativeiro a que sujeitou os Hebreus; viveu nos séculos VII e VI a. C. -.do o Antigo Testamento, Nabucodonosor destruiu Jerusalém (submetendo o povo judeu e condenando-o ao exílio) e conquistou a Síria e a Palestina. ~ntado como o grande construtor da Babilónia, tendo ordenado que se fizessem, entre outras obras monumentais, os famosos jardins suspensos (uma das maravilhas do mundo).

[81]

fugiram. Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles(226).

Considerai, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram àquele peixe grande, e porquê. O tubarão morreu porque comeu, e eles morreram pelo que não comeram. Pode haver maior ignorância que morrer pela fome e boca alheia? Que morra o tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu é a maior desgraça que se pode imaginar! Não cuidei que também nos peixes havia pecado original. Nós, os homens, fomos tão desgraçados, que outrem comeu e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve princípio na gulodice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta desgraça com uma pouca de água(227), e vós não vos podeis lavar da vossa ignorância com quanta água tem o mar.

Com os voadores(228) tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei--me, voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois por que vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois aves, senão peixes, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros de vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas?! Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros pei-xes, e por isso sois mais mofino(229) que todos. Aos outros peixes do alto mata-os o anzol ou a fisga(230), a vós sem fisga nem anzol mata-vos a vossa presunção(231) e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca; ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das antenas(232) e cair morto!

Grande ambição é que, sendo o mar tão imenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O voador, fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes, como peixe, e todas as cordas, laços, como ave. Vê, voador, como correu pela posta(233) o teu castigo. Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas asas. Não contente com ser peixe, quisestes ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto(234). Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-Ihe a queimar as asas.

À vista deste exemplo, peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. Ouvi o caso de um voador da terra: Simão Mago(235), a quem a arte mágica, na qual era famosíssimo, deu o sobrenome, fingindo--se que ele era o verdadeiro filho de Deus, sinalou(236) o dia em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao Céu, e com efeito começou a voar muito alto; porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele, e caindo lá de cima o mago, não quis Deus que morresse logo, senão que aos olhos também de todos quebrasse, como quebrou, os pés.

(226) Exortação aos pequenos: não devem apoiar os grandes colonos. (227) Através da água do baptismo, a alma purifica-se do pecado original. (228) «Designativo de um peixe cujas barbatanas peitorais formam uma espécie de asas, que lhe permitem saltar para a água.» (229) mofino: mesquinho, infeliz; desgraçado. (230) fisga; espécie de arpão, em forma de garfo. (z31) presunção: orgulho, vaidade. (232) antena: verga, fixa ao mastro, na qual se prende a vela triangular. (z33) correu pela posta: veio depressa. (234) Recorde-se que os quatro elementos da Natureza são: o primeiro, a Terra; o segundo, a Água; o terceiro, o Ar; o quarto, o Fogo. O peixe~ «passar do segundo ao terceiro» (deixar a água e ir para o ar), pode acabar no quarto elemento, o Fogo (ou seja, pode acabar cozinhado). (235) Simão Mago: mágico de Samaria, convertido ao Cristianismo; quando S. Pedro e S. João se dirigem à Samaria para impor o Espírito Santo ~ s aos apóstolos que lhe vendessem o dom de dar o Espírito Santo; foi repreendido severamente por S. Pedro. (236) sinalar: marcar, indicar.

[82]

Não quero que repareis no castigo, senão no género dele. Que caia Simão, está muito bem caído; que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabólica o mereciam. Mas que de uma queda tão alta não rebente, tem quebre a cabeça ou os braços, senão os pés?! Sim, diz S. Máximo(237), porque quem tem pés para andar, e quer asas para voar, justo é que perca as asas e mais os pés). Elegantemente o Santo Padre: Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset; et qui pennas assumpserat, plantas amitteret(238). Se Simão tem pés e quer asas, pode andar e quer voar; pois quebrem-se-lhe as asas, para que não voe, e também os pés, para que não ande. Eis aqui, voadores do mar, o que sucede aos da terra, >ara que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos íos, depois que Ícaro (239) se afogou no Danúbio(240), não haveria tantos Ícaros no Oceano.

Oh, alma de António, que só vós tivestes asas e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo e não para cima! Já S. João(141) viu no Apocalipse (242) aquela mulher, cujo ornato gastou todas as luzes ao firmamento, e diz que lhe foram dadas duas grandes asas de águia: Datae sunt mulieri alce duæ aquilæ magnæ(243). E para quê? Ut volaret in desertum(244). Para voar ao deserto. Notável cousa, que não debalde(245) lhe chamou o mesmo profeta, grande maravilha. Esta mulher estava no céu: Signum magnum appaavit in cælo, mulier amicta sole(246). Pois se a mulher estava no céu e o deserto na terra, como lhe dão asas para voar ao deserto? Porque há asas para subir e asas para descer As asas para subir são muito perigosas, as asas para descer muito seguras; e tais oram as de Santo António. Deram-se à alma de Santo António duas asas de águia, que oi aquela duplicada sabedoria natural e sobrenatural tão sublime, como sabemos. : ele que fez? Não estendeu as asas para subir, encolheu-as para descer; e tão escondidas, que, sendo a Arca do Testamento(247), era reputado(248), como já vos disse, por eigo(249) e sem ciência. Voadores do mar (não falo com os da terra), imitai o vosso s pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, tão as estendais para subir, por que(250) vos não suceda encontrar com alguma vela ou algum costado; encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova; e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo(251), contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio(252) Santo Ambrósio. O polvo, com aquele seu

capelo(253) na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos(254), parece uma estrela; com aquele não ter osso sem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham contestemente(255) os dois grandes Doutores(256) da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior trai- dor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das

(237) S. Máximo (c. 580-662): teólogo grego, abade do Mosteiro de Crisópolis no século VII; por se ter mantido fiel à sua fé, arrancaram- -lhe a língua e a mão ~2eita; foi deportado para o Cáucaso e aí morreu. (38) «Para que quem pouco antes tentava voar não pudesse de repente dar um passo, e quem tinha tomado asas perdesse os pés.» (239) Ícaro: filho de Dédalo, o construtor do labirinto de Creta, onde viriam a ser aprisionados. Com asas de penas, coladas às costas com cera, conseguiram acertar-se. Ícaro, porém, apesar dos conselhos do pai, acabou por cair e afogar-se no mar Egeu por se ter aproximado do Sol, que lhe derreteu as asas. Ícaro imboliza aqueles que são vítimas da sua própria ambição. (40) É obviamente um lapso ou versão diferente de Vieira, pois Ícaro afogou-se no mar Egeu e não no rio Danúbio. (41) S. João: apóstolo e evangelista do século I, filho de Zebedeu e de Salomé, irmão de Tiago Maior, um dos primeiros discípulos de Cristo; escreveu o quarto .angelho do Novo Testamento, bem como o Apocalipse. <z) Apocalipse: revelação de realidades de difícil compreensão por parte dos homens; o Livro do Apocalipse foi escrito por S. João e encerra o Novo Testamento. `3) «Foram dadas à mulher duas grandes asas de águia» (Apocalipse, XII - - 14) (44) «para que voasse no deserto» (Apocalipse, XII - 14) <s) debalde: inutilmente. 46) «Apareceu um grande sinal no céu: uma mulher disfarçada de Sol.» (Apocalipse, XII - i) <7) Arca do Testamento: onde estavam encerradas as Tábuas da Lei, que Moisés recebera no Monte Sinai; a Arca do Testamento (nome atribuído pelo Papa -egório IX) também é conhecida por Arca da Aliança (entre Jeová e os Hebreus). (148) reputado: considerado. 49) leigo: usa-se por oposição a clerical (aqui significa ignorante). so) para que. si) O polvo é um molusco, mas ainda era, na época, considerado um peixe. sz) Basílio: bispo de Cesareia, na Capadócia (Turquia), orador e escritor do século iv. 53) capuz (notar a semelhança com o hábito de alguns monges). 54) os tentáculos. ss) contestemente: unanimemente. ss) Doutores da Igreja Latina e Grega: Padres da Igreja, elementos do clero regular e secular, homens de virtude.

[83]

mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras, que em Proteu~25~ são fábula~258~, no polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordina-riamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que o outro peixe, inocente da traição, vai passando desacautelado~259~, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas zs~~? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça e mais õ'qüé préndé: Tudas com os braços fêz o sin~l, e o polvó~dós próprios braços f az as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traÇou a traição às escurás, mas exëcútõu-a muito às claras. O polvo, escurecendo- -se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que f ~z é ~ luz, para que não dis ~ tinga as cores. Vê, peixe aleivoso~261) e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor!

Oh, que excesso tão afrontoso e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro e tão cristalino como o da água, espelho natural não só da terra, senão do mesmo céu! Lá disse o Profeta~262) por encarecimento, que «nas nuvens do ar até a água é escura»: Tenebrosa agr~a in nubibus aeris~ls3). E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para atribuir a escuridade ao outro elemento, e não à água; a qual em seu próprio ele- mento sempre é clara, diáfana~z64) e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto dano de bem público um monstro tão

dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso e tão conhecidamente traidor! ~ ~ ~.

Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estais respondendo e convindo (z s~, que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes~26~>, ciladas e muito maiores e mais perniciosas~z6~ traições. E sobre o mesmo sujeito (2~~ que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes (269~ outra propriedade muito própria (z7~~; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em António, vosso pregador, e vereis nele o mais-puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve. dolo~z71), fingimento ou enganó. É sabeis também que para haver tudo isto em cada um de nós ~bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo.

Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: Vos estis sal terrece. Só resta fazer-vos uma advertência ~2~2~ muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados~z73) e cheios de baixios~z4~, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais~2~5~ que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes ficam excomungados e malditos.

(257) Proteu: Deus marinho da mitologia grega, filho de Oceano e de Tétis (era o deus-pastor dos monstros marinhos, tinha o dom da profeci~ transformar para escapar aos perseguidores). (25\$) fábula: mito. (259) desacautelado: desprevenido. (260) Judas: Judas Iscariotes, um dos doze apóstolos; atraiçooou o Mestre, vendendo-o aos seus inimigos por trinta moedas de prata; depois da com remorsos, enforcou-se. aleivoso: desleal, perverso, pérfido. Profeta: David, rei de Israel e autordos Salmos. «A escuridão da água nas nuvens do céu» (Salmo XVII - diáfana: translúcida, transparente. concordando. embuste; engano, traição, cilada. perniciosas: prejudiciais. sujeito: assunto. aos polvos da terra (os traidores e os hipócritas). a hipocrisia. do(o): traição. aviso. esparce(ados: costa ou margem cheia de escolhos à flor da água e, por isso, perigosos. baixios: bancos de areia. advirtais: considereis. (261) (262) (263) (264) (265) (266) (267) (26s) (269) (270) (271) (272) (273) (274) (275)

[84]

Esta pena de excomunhão, que é gravíssima, não se pôs a vós senão aos homens, mas -em mostrado Deus, por muitas vezes, que quando os animais cometem materialmente > que é proibido por esta lei, também eles incorrem, por seu modo, nas penas dela, e no mesmo ponto começam a definhir, até que acabam miseravelmente.

Mandou Cristo a S. Pedro que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe que tomasse acharia uma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, suposto que ele era o primeiro, do preço dele, e dos outros podia fazer o dinheiro, com que pagar aquele tributo, que era de uma só moeda de prata, e de pouco peso. Com que mis- tério manda logo o Senhor que se tire da boca deste peixe, e que seja ele o que morra primeiro que os demais?

Ora estai atentos. Os peixes não batem moeda (216) no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhes possa vir dinheiro; logo, a moeda que este peixe tinha engolido era de algum navio que fizera naufrágio naqueles mares. E quis mostrar o Senhor que as àenas que S. Pedro ou seus sucessores fulminam contra os homens, que tomam os bens dos :taufragantes, também os peixes por seu modo as incorrem, morrendo primeiro que os outros, e com o mesmo dinheiro que engoliram atravessado na garganta. Oh que boa doutriria era esta para a terra, se eu não pregara para o mar! Para os homens ião há mais miserável morte que morrer com o alheio atravessado na garganta; porque é pecado de que o mesmo S. Pedro e o mesmo Sumo pontífice não podem absolver. E posto que os homens incorrem a morte ,terna, de que não são

capazes os peixes, eles contudo apressam a sua emporal(z'7), como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não `)stêm dos bens dos naufragantes.

(276) bater moeda: cunhar moeda. (277) apressam a sua morte temporal, a morte do seu corpo. (278) Peixe da costa de Portugal, espécie de corvina, que parece grunhir como um porco. '9) Peixes também conhecidos pelos nomes de rémora, agarrador ou peixe- -piolho. 80) «Designativo de um peixe cujas barbatanas peitorais formam uma espécie de asas, que lhes permitem saltar para a água.» gll capuz (notar a semelhança com o hábito de alguns monges). 82) os tentáculos.

[85]

VI

Com esta última advertência vos despido~2~~, ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconsolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o Levítico~285~. Na lei eclesiástica ou ritual do Levítico, escolheu Deus certos animais, que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconsolação e sentimento para todos os habitantes de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria~2g6~ ao primeiro sacramento~28~? O motivo principal de serem excluídos os peixes foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares. Também este ponto era muito importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh quantas almas chegam àquele altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência.

Ah! peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deus nas mãos, que tomá-lo tão indignamente~z8g~! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza~z89~ é melhor que~ a minha razão e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio~29~~. Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória; eu discorro, mas vós não ofendeis a Deus com o entendimento; eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade. Vós fostes criados por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes criados; a mim criou-me para o servir a Ele, e eu não consigo o fim para que me criou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis aparecer diante dele muito confiadamente, porque o não ofendestes; eu espero que o hei-de ver; mas com que rosto hei-de aparecer diante do seu divino acata-

(283) Deus marinho da mitologia grega (tinha o poder de se transformar para escapar aos perseguidores). (284) despido (forma arcaica): despeço. (285) Levítico: um dos livros do Pentateuco de Moisés que faz parte do Antigo Testamento; terceiro Livro da Bíblia, dedicado ao serviço do culto. (286) matéria: água. (28~) primeiro sacramento: o Baptismo (recorde-se que são sete os Sacramentos: Baptismo, Confirmação, Comunhão, Penitência, Extrema-U~~~~ Matrimónio). (288) tão indignamente: em pecado. (Z89) bruteza: falta de raciocínio. (290) alvedrio: vontade, livre-arbítrio.

[86]

mento(291), se não cesso de O ofender? Ah que quase estou por dizer que me fora melhor ser como vós, pois

de um homem que tinha as minhas mesmas obrigações, disse a Suma Verdade(292), que «melhor lhe fora não nascer homem»: Si natus non fuisset homo ille(293). E pois os que nascemos homens, respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento, contentai-vos, peixes, e dai muitas graças a Deus pelo vosso.

Benedicite, cete, et omnia quae moventur in aquis, Dominofz94>: ((Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos», e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-O todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários para a vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este mundo, viveu entre nós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam(295); louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e susten-tando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção, vo-la dê também agora. Amen. Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória.

PADRE ANTÓNIO VIEIRA

(291)respeito, veneração; figura. (292) Deus. (293) «Bom seria que este homem não tivesse nascido» (Mateus, XXVI - 2q). Esta afirmação refere-se a Judas Iscariotes. • «Peixes grandes e tudo quanto se move nas águas bendizei o Senhor.» (Daniel, III - 79) S Referência aos apóstolos Tiago, João, Simão e André. Disse Cristo aos apóstolos que eram pescadores: «Segui-me e eu vos farei pescadores de homens» Mateus, IV - 19)

[87]

End of the Project Gutenberg EBook of Sermão de Santo António aos Peixes, by António Vieira

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK SERMAO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES ***

***** This file should be named 24073-8.txt or 24073-8.zip ***** This and all associated files of various formats will be found in: <http://www.gutenberg.org/2/4/0/7/24073/>

Produced by Rafael Sã

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.org/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or

online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. **LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES** - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. **YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.**

1.F.3. **LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND** - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. **INDEMNITY**

- You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise

directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pgla.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information: Dr. Gregory B. Newby Chief Executive and Director gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.org>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.

de Santo António aos Peixes, by António Vieira

A free ebook from <http://manybooks.net/>